



teatro
CENTELHA

Helder Costa

Um homem é um homem
—Damião de Góis



HELDER COSTA



«UM HOMEM É UM HOMEM»

— DAMIÃO DE GÓIS

Título: Um Homem é um Homem — Damião de Góis.

Autor: Helder Costa

Prêmios obtidos: Grande Prémio de Teatro da R.T.P. em 1979
reconhecido com um papel em segunda mão de Fernando
Dacosta. Foi constituído por António Aguiar, Baptista,
Amélia Rey Colaço, Carlos Willemsen, Jorge Lino, e
Luís Francisco Rebelo, Luís de Oliveira Nunes e Odebre
Mateus.

Capista: João Botelho

Editor/Editorial: Camões, Promóção do Livro, S.A.R.L.
Contacto 241 — 3003 Coimbra Cedex

12

TEATRO

TEATRO/CENTELHA

1. A Tragédia de São Christóvão — (Ensemble Teatral)
2. Operação Espionagem de Novo em 1.ª Divisão não espionagem — Acto de Nery Paiva
3. Pátria — ara uma vez — Alfredo Nery Paiva
4. Fábula sobre a Revolução Portuguesa — Richard Demarcy e Teresa Mota
5. A Urtiga e o Mito — António Cabral

«UM HOMEM É UM HOMEM»

7. São Paulo — Damião de Góis e António Miguel Paes Cabral
8. 28 de Setembro — Helder Costa

Título: Um Homem é um Homem — Damião de Góis.

Autor: Helder Costa

Prémios obtidos: Grande Prémio de Teatro da R.T.P. em 1979 «ex-aequo» com «Um jeep em segunda mão» de Fernando Dacosta. Juri constituído por: António Alçada Baptista, Amélia Rey Colaço, Carlos Wallenstein, Jorge Listopad, Luís Francisco Rebello, Luís de Oliveira Nunes e Osório Mateus.

Capista: João Botelho

Editor/Distribuidor: Centelha Promoção do Livro, S.A. R. L.
Apartado 241 — 3003 Coimbra Codex

HELDER COSTA



UM HOMEM É UM HOMEM

— DAMIÃO DE GÓIS

TEATRO



COIMBRA

1981

PERSONAGENS

I ACTO

«UM HOMEM É UM HOMEM — DAMIÃO DE GÓIS»

*A todos os que com coragem e
sem esquecer a dignidade, têm real-
mente feito avançar a roda da História.*

PERSONAGENS

Damião de Góis
Luís de Castro
(genro de Damião de Góis)
Um casal de criados,
em Alenquer
D. Manuel
D. Leonor
D. Jaime de Bragança
D. Tristão da Cunha
Padre
Fructos de Góis
D. João III
Vendedeira
Freguesa
Sapateiro
Vendedor de peixe
Durer
Grapheus
Lutero
Catarina
(mulher de Lutero)
Melanchton
Simão
Splinter
Joana van Hagen
Erasmo
Taberneiro
Frei Roque de Almeida
Simão Rodrigues
3 Alunos

3 Professores
Infante D. João
Ambrósio de Góis
Ambrósio
(amigo do filho de DG)
Jacques
Erasmo
(amigo de DG, em Lisboa)
Padre Pero Gil
Sobrinho de Pero Gil
2 Flamengos
João Carvalho
Padre António Pinheiro
Delegado do Povo
Tipógrafo Jerónimo
Aprendiz
Meirinho
D. Catarina
Cardeal D. Henrique
Conde de Tentúgal
2 crianças
Catarina de Góis
Briolanja
Preso
3 Inquisidores
Guardas
Pagens
Padres
Homens e mulheres
do Povo

1. *Damião de Góis é assassinado*: 2. *O jovem Damião de Góis na Corte de D. Manuel (1520)*; 3. *Morte de D. Manuel (1521)*; 4. *O retrato de Damião de Góis (1526)*; 5. *Damião de Góis encontra Lutero e Melanchton (1531)*; 6. *Damião de Góis conhece Joana van Hergen, em Lovaina (1531)*; 7. *Damião de Góis, na encruzilhada (1533)*; 8. *Damião de Góis em Pádua 1537*; 9. *Damião de Góis em Lovaina (1540)*.

1. *Damião de Góis é assassinado*

É de noite. A um canto, um velho, sentado a uma lareira, folheia uns papéis. No canto oposto, Luís de Castro, jovem fidalgo, fala com um homem e uma mulher, cujo vestuário indica que são criados da casa.

LUÍS DE CASTRO — Isso também é da idade.

HOMEM — O senhor Damião de Góis não é muito novo. Mas olhe que aquela prisão deitou-o muito abaixo.

LUÍS DE CASTRO — Sua Eminência o Cardeal Infante D. Henrique foi muito piedoso, teve muita caridade.

MULHER — Mas o sr. Damião de Góis já não é o mesmo. Nem canta, nem toca.

HOMEM — Nem brinca com a gente. Anda só a mexer em papéis.

LUÍS DE CASTRO — Foi muita caridade tê-lo autorizado a sair do mosteiro de Alcobaça. A Inquisição foi clemente.

MULHER — Aqui, em Alenquer, sempre está melhor. Não tem é companhia nenhuma.

HOMEM — D. Luís de Castro, vosso sogro tinha muitos amigos, mas como devia ser tudo gente das mesmas ideias, eles têm medo de vir até aqui.

MULHER — Mas, afinal, ouvi dizer que nem se tinha provado nada...

LUÍS DE CASTRO — Houve muita caridade. O Cardeal conhecia o meu sogro há muitos anos...

MULHER — Ai, graças a Deus que foi assim. (Benzen-do-se) Até me custa a crer que o sr. Damião de Góis tinha algum pecado.

LUÍS DE CASTRO — Vão-se deitar. Vou ver como ele está. Pouco tempo, que ainda vou para Lisboa.

(Criados baixam-se, beijam-lhe a mão, despedem-se com um «boa-noite, sr. fidalgo», «boa-noite, sr. D. Luís de Castro», e retiram-se).

LUÍS DE CASTRO *(entrando na zona de Damião de Góis)* — Boa-noite, meu sogro!

DAMIÃO DE GÓIS — *(erguendo-se, sorrindo)* — Meu genro! A estas horas! Finalmente, a minha querida família, por afinidade, visita-me!

LUÍS DE CASTRO — Muitos afazeres, meu sogro...

DAMIÃO DE GÓIS — A tesouraria do Cardeal D. Henrique... o ouro, as pratas, as terras... continuam a afluir...

LUÍS DE CASTRO — Não sejas ingrato.

DAMIÃO DE GÓIS — Ingratidão, claro. As ovelhas poupadas pelo lobo, devem-lhe ficar eternamente gratas.

LUÍS DE CASTRO — A Inquisição não é um lobo.

DAMIÃO DE GÓIS — Tens razão. O lobo ataca de frente. E ataca, porque tem fome.

LUÍS DE CASTRO — A defesa da Fé exige a punição dos herejes.

DAMIÃO GÓIS — A traição não se confunde com a defesa da Fé.

LUÍS DE CASTRO — Vós quereis insinuar...

DAMIÃO DE GÓIS — Eu não insinuo. Eu afirmo que tu és um réptil traiçoeiro e repugnante. Um réptil que se desenvolve e que se multiplica, porque a Inquisição, essa instituição que tu dizes existir para defender a Fé em Deus, foi parida e criada no mesmo ninho de víboras onde tu nasceste. Retira-te. Deixa-me viver sem nojo os últimos dias da minha vida.

(Damião de Góis dirige-se para a lareira, vira as costas a Luís de Castro, senta-se, e recomeça a ler os papéis. Luís de Castro desembainha a espada, e agride-o pelas costas. Damião de Góis tem um grito abafado, e cai sobre a lareira. Luís de Castro agarra nos papéis, consulta-os febrilmente, mete-os no bolso, e foge).

D. MANUEL — Não vale a pena desenterrar velhas histórias. A Coroa necessita de estar forte, e só conseguirá isso com o apoio dos nobres mais poderosos.

FREI JORGE — Deus quis apaziguar a nobreza de Portugal. Aqui nos encontramos todos, prontos a lutar pelo nosso engrandecimento...

D. JAIME — Enterremos isso. Eu ia dizer que, além de não ser ingrato para com a Espanha, também não posso deixar de lembrar que nos unimos a ela, recentemente, por laços sentimentais (*reverência a D. Leonor*)...

FREI JORGE — Sagrados laços que unem velhas famílias desavindas.

D. MANUEL — Temos as melhores relações com o Imperador Carlos V.

D. LEONOR — Meu irmão terá muito com que se ocupar na Europa, com os herejes. Não compreendo essas preocupações...

TRISTÃO DA CUNHA — Alteza, desculpai-me. Na verdade, o problema só existe, porque a Espanha e Portugal são hoje os países mais poderosos. Tão poderosos, que nenhum pode ser inferior ao outro.

D. JAIME — Por isso Tristão da Cunha, criticaís que não se tenha apoiado Fernão de Magalhães...

D. MANUEL — Mas, que quereis mais, Tristão da Cunha? Riquezas, não vos faltam...

TRISTÃO D ACUNHA — É o mesmo problema dos países. A minha riqueza, a vossa, a de D. Jaime, Duque de Bragança, têm de aumentar. Aumentar sempre. Somos poderosos, mas as feitorias internacionais estão nas mãos de judeus e herejes.

D. MANUEL — Nem todas.

TRISTÃO DA CUNHA — Nem todas, é verdade. Durante quanto tempo?

FREI JORGE — Deus ajudará Portugal a conservar e a desenvolver as suas riquezas. Tenhamos Fé.

TRISTÃO DA CUNHA — Fé e coragem, não nos faltam. E até temos o apoio do Papa.

D. JAIME — Esse velho orgulho... a missão diplomática ao Papa.

TRISTÃO DA CUNHA — Tenho razões para me orgulhar. Mas devo dizer, que só um Rei como D. Manuel poderia enviar uma Embaixada tão luxuosa...

D. JAIME — Qual é a proposta, afinal de contas?

TRISTÃO DA CUNHA — Que se façam mais expedições. Que se vá buscar, mais pimenta e canela. Que se consiga o monopólio das especiarias. Que se faça a guerra na Ásia contra os soberanos que não nos juram obediência.

D. JAIME — Vós ireis chefiar essas expedições...

TRISTÃO DA CUNHA — Eu, e outros. Marinheiros e guerreiros não faltam. Por algum motivo, o nosso Rei é chamado «O Venturoso»...

D. MANUEL *(sempre comendo e bebendo vorazmente)* — Damião! Damião! *(Um dos músicos pára de tocar cítara. Parou a música. É Damião de Góis, com 18 anos).*

DAMIÃO DE GÓIS *(aproximando-se)* — Real Senhor!

D. MANUEL — Que me tragam aqui Diogo Mendes Vizinho. Quero saber se podem partir naus para a Índia...